

Apresentação – Dossiê *Marxismo ocidental e literatura*

Wilson José Flores Jr. (UFG-Brasil)

Martín I. Koval (Conicet/UNAJ/UBA – Argentina)

“Marxismo ocidental” refere um conjunto amplo, fundamental e diverso de pensadores, entre os quais estão György Lukács, Antonio Gramsci, Karl Korsch, Galvano Della Volpe, Siegfried Kracauer, Ernst Bloch, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Henri Lefebvre, Lucien Goldmann, Louis Althusser, Jean Paul Sartre, Guy Debord, para referir apenas alguns dos mais conhecidos.

A designação se estabeleceu, principalmente, a partir da publicação de *Considerações sobre o marxismo ocidental*, de Perry Anderson, em 1976. O autor inglês identificava aí um grupo de pensadores que produziram suas obras a partir, sobretudo, do entre guerras e que procediam de países do oeste europeu em “um contraste radical com o dos intelectuais marxistas que se notabilizaram depois de Engels” (ANDERSON, 1976, p.38), que provinham, basicamente, da Europa Oriental e Centro-Oriental. Além disso, um aspecto fundamental destacado por Anderson seria a oposição ao comunismo do leste, cujas principais expressões seriam a União Soviética a partir de Stálin e também a China.

Essa ênfase e a valorização que pressupõe são, no entanto, controversas. Domenico Losurdo, por exemplo, aponta para limitações da perspectiva ocidental, como o que considera ser uma excessiva ênfase na ideia da superação do Estado e o desinteresse em relação à “luta desesperada conduzida no Oriente para resistir a uma guerra colonial de dizimação e de escravização” (LOSURDO, 2018, p.12). A crítica é necessária e permite a Losurdo se interrogar sobre as possibilidades futuras do marxismo no Ocidente, reflexão cuja urgência dificilmente será recusada por alguém, ainda que as perspectivas sobre os termos desse ressurgimento sejam, por certo, muito distintas.

Entre os autores identificados com o marxismo ocidental, György Lukács ocupa um lugar central, pois, como defende Antonio Infranca, “sem cair numa estéril ortodoxia”, sustentou posições que seriam “em muitos aspectos, as mais próximas às de Marx”, além de ter recuperado “a herança hegeliana” do autor de *O capital*, com a qual “todos os grandes pensadores terminaram por acertar

contas”¹ (INFRANCA, 2006, p.10). Não por acaso *História e consciência de classe* (1923) é considerada a obra que inauguraria o marxismo ocidental.

No que se refere às artes em geral e à literatura em particular, também é Lukács quem desenvolve de maneira mais consistente uma teoria literária marxista, a partir do reconhecimento dos elementos de uma estética em estado germinal na obra de Marx. Na base da estética materialista, como enfatiza Miguel Vedda, está a preeminência da objetividade, “único modo sensato de falar de *realismo*” que, por sua vez, é entendido “não como período da história da arte ou ‘estilo de época’, senão como determinação ontológica da produção artística” (VEDDA, 2006, p.49). Esse “conceito amplo de realismo” renuncia “a todo empenho em impor ao artista a obrigação de reproduzir o real” (VEDDA, 2006, p.50), uma vez que a relação da arte com a realidade é concebida “não em termos de cópia, de reprodução fiel a um original externo”, pois isso implicaria uma “rendição ante os fatos, ante uma realidade coisificada”, mas sim como um olhar de estranhamento que pressupõe uma transfiguração da percepção habitual, tendo, nesse sentido, um caráter desfetichizador. Como sintetiza Vedda, a arte “redime os *concreta*” ao extraí-los da “experiência fossilizada e ao colocá-los em uma constelação diversa, dotada de uma legalidade autônoma (Lukács diria: em uma *totalidade intensiva*)” (VEDDA, 2006, p. 50).

Trata-se, como se vê, de uma perspectiva extremamente exigente que pressupõe discussão teórica e conceitual muito rigorosa e um trabalho crítico atento e minucioso. Os textos que formam este dossiê, de diferentes maneiras e cada um a seu modo, discutem e analisam algumas das principais questões legadas pelo marxismo ocidental.

Francisco Chicote discute a crítica realizada por Lukács à noção de “cultura” de Georg Simmel, tomada dentro dos parâmetros axiológicos de seu surgimento e desenvolvimento nos quadros da *filosofia da vida*, tendência dominante no campo intelectual alemão durante o período guilhermino. O autor húngaro desvenda as relações entre a noção de cultura e a celebração trágica da morte, compreendendo a construção teórica que sustenta essas relações como forjadas a partir de uma perspectiva tipicamente burguesa. Martín Koval e Natalia Ley Callone analisam os sentidos assumidos pela noção de “destino” em Novalis para discutir a interpretação realizada por Lukács que vê no poeta romântico alemão uma “crítica fracassada à realidade degradada do mundo burguês”, terminando por erigi-la como “destino inelutável”. O avesso dessa posição seria Goethe em cuja obra se encontra uma noção ilustrada de *formação* que pressupõe a “ação racional e consciente do ser humano para alcançar uma meta determinada”.

¹ Quando não se indica algo diferente, as traduções são nossas.

As reflexões de Lukács a respeito da “eficácia estética” são o centro da discussão de Hermenegildo Bastos. O autor discorre sobre a característica inerente à arte, de acordo com Lukács na *Estética*, de “despertar vivências de mundo”, sendo tanto mais eficaz na medida em que, “no mundo nela representado”, “os homens revivem e reconhecem, com emoção, a si mesmos, aos seus destinos”. Douglas Souza discute a defesa que o filósofo húngaro faz do realismo como “tomada de posição” do artista frente aos desafios objetivos da história, enquanto Alex Fogal propõe discutir proximidades entre as teorias estéticas de maturidade de Lukács e Adorno.

Parte dessas questões retorna em outros dois artigos que enfatizam o pensamento de Marx sobre literatura e como escritor. Ana Cotrim discute como Marx, no caderno “Dinheiro” dos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, a partir de um tema econômico, analisa “seu significado humano mais importante”, “a homogeneização dos sentidos humanos ao sentido do ter”, por meio da discussão de uma longa passagem do drama *Tímon de Atenas*, de Shakespeare. Como destaca a autora, “a partir do modo como Marx incorpora a arte em seu pensamento é possível derivar uma ideia estética geral, em sentido amplo da arte: trazer um conhecimento verdadeiro sobre o mundo de uma maneira sensível”. Já Ana Laura Côrrea e Elisabeth Hess, a partir de *Os grandes homens do exílio*, de Marx, Engels, Dronke e Westphalen, e do “Conto alexandrino”, de Machado de Assis, discutem a sátira como “um modo de composição realista”, que “recusa o falseamento do objeto ao desnudar, como caricatura, o que já existe na própria vida como caricatura, operando um rebaixamento da aparência grandiosa ao tamanho correto de sua essência histórica real”.

Outros três importantes teóricos são discutidos neste dossiê. Maria Belforte analisa os “distintos sentidos que a noção de embriaguez” assume em Ernst Bloch tomando como ponto de partida as palavras que abrem o livro *Spuren: “Cheguemos a ser”*. Violeta Percia propõe uma revisão da noção de *détournement* em Guy Debord, vendo-a como “estratégia fundamental da resistência comunicacional situacionista”, que abre caminho para uma “crítica dialética de situações e para a uma reescritura crítica das ideias”. Gabriel Delgado discute o pensamento estético de Jean-Paul Sartre, com atenção aos livros *Questões de método* e *Crítica da razão dialética*.

Cássio Tavares e Gustavo Arnt, por sua vez, realizam uma crítica do conto “Intransitivo”, do escritor brasileiro Mafra Carbonieri, a partir da perspectiva do marxismo ocidental, e reconhecem na dominação de classe uma função estruturante no conto.

Quanto às resenhas, a primeira, escrita por Martín Koval, apresenta o livro *El sujeto de la emancipación: personalidad y capitalismo en György Lukács y Siegfried Kracauer*, de autoria de Francisco Chicote. A outra é uma resenha escrita por Jéssica Lenga do livro *Vocación y renuncia: la*

novela de formación entre la Ilustración y la Primera Guerra Mundial, de Martín Koval. Encerrando o dossiê, a tradução, realizada por Francisco Chicote, de um texto inédito de Lukács sobre o livro *A herança deste tempo*, de Ernst Bloch.

Boa leitura!

Os organizadores

Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Tradução de Carlos Cruz. Porto: Afrontamento, 1976.

INFRANCA, A. Estudio preliminar. In: VEDDA, M. *La sugestión de lo concreto*. Buenos Aires: Gorla, 2006. p. 9-55.

LOSURDO, D. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. Tradução de Ana Maria Chiarini e Diego S. C. Ferreira. São Paulo: Boitempo, 2018.

VEDDA, M. *La sugestión de lo concreto: estudios sobre teoría literaria marxista*. Buenos Aires: Gorla, 2006.